



# Aaron Fischer

Carlos Sotro Mayor

Cap.1

# Aaron Fischer



## CAPÍTULO 1

## PREFÁCIO

Quando Aaron finalmente avistou Sarah, Josh e Philip entre as rodas de cantoria que inundavam a praça central da Vila do Arpão, sentiu no peito a angústia própria das despedidas. Sabia que naquela noite se encerraria toda uma história de companheirismo e de amizade; se encerrava uma infância difícil, humilde, mas feliz. Sabia que, independentemente do que fizesse, a alvorada traria um capítulo novo e hostil. Nascer Comum naquele mundo era uma sentença, era a garantia de uma vida inteira servindo aos caprichos do Exército Imperial e seus líderes Elementais, nascidos com poderes fantásticos e alçados ao patamar de divindades, jogando com o destino de todos que se encontravam sob seu julgo.

Naquela noite decisiva, os quatro amigos sabiam que não podiam deixar meias palavras, tampouco perder oportunidades e, no ápice das festividades, havia a chance perfeita de descontar um pouco de tantos anos de frustrações e opressão que viveram sob o julgo dos coturnos imperiais. Era o dia de descontar também, com uma simples peça, todos os dias que ainda estavam por vir naquela árdua jornada em que embarcavam.

E por mais que as mudanças fossem esperadas, Aaron não poderia nunca ter, nem em seus mais selvagens sonhos, imaginado o quanto aquela noite seria de fato definitiva para o resto de sua vida.

# I

## DESPEDIDAS

**E**ra o último dia de aula do ensino preparatório para Aaron Fischer, um garoto alto e de uma estrutura física formidável para seus recém-completados quinze anos. Ele possuía os olhos negros como a noite mais escura e um longo cabelo castanho – sempre despenteado e queimado de sol – assim como sua pele, bronzeada pelas longas horas que passava no convés do barco de pesca comandado por seu pai.

Naquele momento, Aaron encontrava conforto na ideia de que aquele seria o último dia de aula da sua vida. Finalmente se livraria de todas aquelas classes chatas que ocupavam tanto seu tempo e poderia focar em meios de tentar mudar o seu futuro. No fundo, ele nunca viu muito sentido em ir à escola durante todo aquele tempo, já que não teria direito de escolha sobre qual ofício iria seguir. Todos os jovens que ali estavam, iriam concluir o ensino preparatório e trabalhar naquilo que o Exército Imperial ordenasse. Sortudos eram aqueles que, como ele, tinham a possibilidade de herdar o ofício da família. Essa era uma das poucas concessões feitas pelo Exército aos chamados Comuns.

Nas escolas Comuns, os jovens só aprendiam seis disciplinas, sendo elas: História do Império, Estudos Religiosos, Produção Mecânica Aplicada, Moral e Cívica, Linguagens nacionais e Exercício Físico. Era o suficiente para que pudessem exercer seus ofícios de forma eficaz.

Diante dos resultados e aptidões de cada um, o Exército determinava onde e com o que o jovem iria trabalhar, sendo mandados, geralmente, para longe de casa, no intuito de que não fossem criados laços com a terra e nem com ideias de comunidade, dificultando assim, o início de rebeliões. Apesar de óbvio, o motivo oficial divulgado pelo Exército Imperial não era esse. Segundo eles, esse intercâmbio serviria para a troca de culturas e experiências entre todos os povos do império.

Grande parte daqueles garotos, não só daquela escola, mas de todo o império, eram órfãos. A chamada Guerra dos Deuses Caídos havia se encarregado de garantir esse título para muitos, não só as crianças de sangue comum, mas também as de sangue Elemental.

Apesar do nome, a Guerra dos Deuses Caídos não foi uma guerra entre deuses de verdade, mas sim uma guerra civil entre dois generais do Exército Imperial que disputavam o cargo de marechal.

Segundo os professores de história, após a morte do antigo marechal Jorg Marok, o general Yunt Kruk, o Anjo Caído, foi eleito pelo conselho militar imperial como o novo marechal. Porém, sedento de poder e inconformado com essa decisão, um outro general, Logan Grun, chamado por todos de O Lobo, se juntou a outros oficiais e deu início a uma rebelião. Os revoltosos começaram atacando cidades Comuns nas colônias do norte do império, incitando insurreições e juntando seguidores à medida que marchavam em direção à capital.

Logo, um punhado de Elementais dissidentes e Comuns insatisfeitos se transformou em um verdadeiro exército, o autointitulado Exército Negro.

Nada ficava de pé por onde passavam, destruíam tudo e todos que não os apoiavam, tendo como resultado um rastro de morte, destruição

e sofrimento em seu caminho.

O que muitos achavam se tratar de uma pequena rebelião se transformou em uma guerra sangrenta, que dividiu o império e matou grande parte da população. Depois de muitos anos de conflito, sob o comando do Marechal Yunt Kruk, o Exército Imperial matou O Lobo e, enfim, destruiu o Exército Negro, restaurando a ordem. Porém, a ordem restabelecida continuou sendo de pouca esperança e muita exploração para as pessoas nascidas Comuns.

Já para os nascidos Elementais, órfãos ou não, um futuro completamente diferente os esperava: quando acabavam o ensino preparatório poderiam escolher o rumo que iriam tomar. A maioria sonhava em entrar para a Escola para Elementais de Lysmor, único local apto a formar os oficiais superiores e generais do Exército Imperial.

O Marechal Yunt Kruk governava o império com um grande apoio da igreja, impondo um violento separatismo entre Comuns e Elementais, sendo os primeiros mantidos praticamente como escravos nas suas cidades miseráveis, forçados a trabalhar e proibidos de pisar nas belas e grandiosas cidades Elementais.

Mesmo aqueles que não conseguissem entrar em Lysmor – o que ocorria com a grande maioria – não teriam com o que se preocupar: levariam uma vida tranquila como burocratas, comerciantes ou qualquer outra carreira.

E era nisso que pensava Aaron, enquanto desenhava em seu velho caderno, esperando o diretor chamar um por um os jovens que estavam amontoados no pequeno auditório da escola da vila concluindo o ensino básico, para lhes dizer qual ofício o Exército Imperial os havia designado.

– Aaron Fischer!

O Diretor Shaw, um homem velho, com poucos cabelos brancos e muita barriga, de temperamento explosivo mas querido por todos, estava vermelho e parecia com raiva enquanto gritava seu nome. O garoto percebeu que ele o devia estar chamando há algum tempo, então se levantou e andou rápido até a grande mesa montada no palco. Estava nervoso, sempre quisera algo a mais na vida e tinha certeza de que conseguiria, mas como não podia fazê-lo agora, era melhor que o designassem para ser pescador e seguir os passos do seu pai, assim teria tempo e apoio para pensar em algo.

Seu grande medo era ser mandado para o outro lado do império por algum oficial estúpido, ou pior, para uma mina de ouro no gélido norte, o que era praticamente uma sentença de morte.

Antes que pudesse falar qualquer coisa, o Diretor Shaw tomou sua frente:

– Queriam lhe colocar para trabalhar na extração de madeira em Skov por causa dos seus testes físicos, mas consegui convencê-los e o designaram para o ofício de pescador! – Debaixo do seu grande bigode branco estava um sorriso nem tão branco, mas sincero.

– Diretor Shaw, não sei nem como agradecer, você salvou a minha vida!

– Não precisa agradecer garoto, fiz isso pelo seu pai, afinal ele parece estar precisando de uma ajuda com aquele barco velho. E, de qualquer maneira, eu o devia alguns favores. Vai lá garoto, vai comemorar!

As grandes máquinas do Exército Imperial, gigantescas estruturas de

metal fundido, movidas por um barulhento motor que expelia uma grossa fumaça preta e que haviam sido criadas recentemente pelas indústrias Storegeni, iriam à vila dali três dias, para levar os jovens recém-formados para seus locais designados. Na última noite dos jovens em sua terra natal, existia uma tradição que os habitantes de quase todas as vilas Comuns do império seguiam. A vila inteira se reunia na praça central, para fazer o mais próximo que conseguiam de uma festa, no intuito de se despedir e confraternizar com aqueles adolescentes, que provavelmente nunca mais veriam na vida.

Aaron tinha combinado com seus amigos uma pequena reunião de despedida no velho esconderijo, depois que todos tivessem seus ofícios designados.

O seu grupo de amigos era formado basicamente por mais três pessoas: Philip e Josh, que eram primos, apesar de mais parecerem irmãos – altos e magros com longos dedos e um jeito desengonçado que enganava. Nunca desgrudavam um do outro. Possuíam uma habilidade impressionante com as mãos e por isso eram os reis dos pequenos furtos da vila. Foram criados pela avó, que tinha morrido há alguns anos e, desde então, viviam daquilo que conseguiam em suas pequenas ilicitudes. A outra integrante do grupo era Sarah, uma menina durona, apesar de baixinha, com cabelos pretos e curtos. Era quem sempre puxava a responsabilidade para si, e também por quem Aaron nutria mais afinidade e carinho. Ela, desde sempre, foi sua melhor amiga. Sarah vivia da horta que existia atrás da casa deixada para ela por seus falecidos pais.

O velho esconderijo ficava em uma falha na ponta da Pedra do Arpão, uma enorme estrutura rochosa que dividia as docas do pequeno porto da vila e dava abrigo aos barcos, nas suas reentrâncias, do

agitado mar da costa da pérola. Era também quem dava nome à vila, conhecida como Vila do Arpão.

Em ordem alfabética, seus três amigos foram chamados pelo Diretor Shaw e designados para lugares diferentes. Josh e Philip iriam trabalhar nas fábricas de arma no nordeste do império, o que já era de se esperar devido a sua notória destreza manual. Eram capazes de construir instrumentos fantásticos apenas com o as quinquilharias que achavam no lixo. Sarah, por sua vez, foi designada para trabalhar nas grandes fazendas de alimentos na parte central do território.

Quando a garota, a última a ser chamada, voltou para junto do grupo, eles partiram a caminho da pedra perto das docas. Por algum tempo, todos ficaram em silêncio enquanto andavam, como se em respeito àquele momento, relembressem todas suas aventuras juntos. No fim das contas, não podiam reclamar afinal, tiveram sorte. Foram designados para trabalhos bons, ou pelo menos que não representavam sentenças de morte.

Contudo, optaram por realizar todo o percurso da escola até as docas em silêncio total. Tudo parecia estar em câmera lenta e Aaron tinha certeza de que todos ali viam passar diante de si uma infância que, apesar de todas as dificuldades, havia sido, por assim dizer, feliz. Uma juventude que os quatro tiveram o prazer e a oportunidade de dividir, mas que agora estava chegando ao fim. A partir daquele momento, uma vida totalmente diferente estava para começar.

A falha na Pedra do Arpão era grande de tal forma que em muito se assemelhava a uma caverna, seu interior não podia ser visto das docas e nem de cima da estrutura rochosa. O local era perfeito, ninguém mais sabia de sua existência. Josh e Philip foram seus

descobridores acidentais: serviu de abrigo enquanto fugiam de um dos seus poucos furtos malsucedidos e, desde então, se tornou o esconderijo do grupo.

– Pelo menos demos sorte, não temos do que reclamar. – Sarah olhava para imensidão azul do mar, ainda pensativa.

– Tem razão! Todos nós fomos designados para onde queríamos, a única coisa que vamos deixar são boas lembranças nesta vila. – Philip brincava com um de seus canivetes enquanto falava e Josh apenas fez um barulho de concordância.

Sarah, Philip e Josh dividiam mais que afinidades e boas lembranças. Os três não tinham mais nenhum familiar no mundo. Eram, como muitos outros no país, Órfãos do Lobo: denominação comum às crianças que perderam os pais e parentes na guerra.

O silêncio aos poucos começa a ressurgir, ocupando os espaços vazios da fenda, crescendo cada vez mais pesado e palpável até que por fim, Aaron interrompe sua marcha de conquista:

– É, e tem mais: quem sabe do futuro? Nós ainda podemos nos encontrar algum dia e acabar com esta segregação, nos tornar grandes líderes... Tudo é possível!

Parecia que ninguém iria lhe responder, afinal, esse era o sonho que partilharam, alimentaram e por tantos anos discutiram em incontáveis reuniões. Contudo, aquele momento, com a realidade implacável em seu encalço, a esperança parecia algo infantil, ilusória e o véu escuro que cobria a caverna parecia a mortalha que embala um sonho. Eles acabaram de ser separados pelo poder do exército, cada um viveria uma vida sofrida e morreriam sem nunca sequer

ter a oportunidade de pôr os pés dentro de uma cidade Elemental.

Parecia que mais ninguém corresponderia com seu otimismo quando finalmente Josh aparece com mais um dos seus planos mirabolantes. Uma estratégia detalhada de como eles, mesmo separados, conseguiriam destruir o Exército Imperial, e logo todos estavam imersos naquela brincadeira, contribuindo com estratégias ainda mais impossíveis. Ao final, a tensão se dissipou e aquela parecia só mais uma de suas velhas reuniões.

A conversa, como sempre, fluiu tão tranquilamente que eles mal sentiram o tempo passar. Quando deram por si, o sol já baixava no horizonte. Sarah, que sempre foi a mais responsável, começou a apressá-los para partirem, afinal, não queria ser pega perambulando pela vila após o toque de recolher. Entretanto, antes que conseguisse convencer a todos de que já estava na hora de ir embora, Philip propôs uma última ideia:

— Tá bom, tá bom, Sarah, nós já vamos, mas antes, sinceramente, nós não podemos deixar esta vila sem antes pregar uma peça nos soldados imperiais. – Ele tinha um sorriso no rosto, de quem já estava com tudo pensado, assim como Josh, que apenas sorria e olhava para Aaron e para Sarah.

— Eu não acho isso prudente, vocês sabem que as punições podem ser completamente desproporcionais e já não somos bem quistos.

Philip retrucou, como se ela estivesse falando besteira:

— Eles nos devem pelo menos isso. Depois de amanhã vamos embora e esse lugar vai esquecer de nós mas, se fizermos o que estou pensando, seremos lendas!

Aaron, que estava calado, só assistindo seus amigos discutirem e imaginando o prazer que seria fazer algo contra os soldados que ele tanto odiava, mesmo que uma peça boba de criança, começou a rir com o entusiasmo de Josh e Philip, que continuavam tentando convencer Sarah:

— Qual é o plano de vocês?

Os dois primos sorriram e explicaram o que tinham em mente para a peça final que pregariam na vila. Eles pareciam ter passado bastante tempo elaborando o plano, e realmente se tratava de algo épico, no entanto, se fossem pegos, as punições seriam severas.

Aaron refletia consigo mesmo enquanto escutava os seus amigos. Seu pai o ensinou a se manter longe de encrenca, principalmente com os soldados imperiais. Ficava completamente ensandecido se Aaron apenas olhasse feio para eles. E ao longo do tempo, toda aquela mistura de medo e respeito fez com que Aaron, a muito contragosto, se mantivesse, de fato, distante. No entanto, naquele dia, no dia que o Exército Imperial estava lhe separando de seus amigos para sempre, a raiva e a vontade de descontar todo o sofrimento, mesmo que fosse de forma pequena e incompleta, foram demais para ele.

No final das contas, até Sarah acabou dando o braço a torcer e eles concordaram que colocariam o plano em prática dali duas noites, durante a festa de despedida. Todos já se preparavam para partir, quando Aaron lembrou-se de algo:

— Sim pessoal, antes que eu esqueça: meu pai convidou vocês todos para jantarem lá em casa amanhã. — Ele parecia um pouco envergonhado, da maneira que os jovens ficam quando seus pais demonstram amor e carinho na frente de seus amigos. — Ele quer

se despedir propriamente de vocês!

— Jonas é muito legal! Eu amo seu pai! Claro que eu estarei lá! – Sarah tinha um sorriso no rosto e Aaron sabia que ela estava falando de coração. Seu pai havia sido o mais próximo de uma figura paterna para os três amigos de Aaron.

— Claro que nós vamos! – Josh e Philip falaram em uníssono, animados com a ideia. Eles amavam as histórias de pescaria de Jonas.

Sozinho, no caminho de volta, observava a superpopulosa vila de pescadores em que viveu toda a vida. Estabelecida sobre palafitas construídas uma por cima da outra, feitas do resto de madeira de embarcações naufragadas, assim como grande parte da mobília e tudo que ali existia. O mais novo dos pescadores passava pela praça central, onde ficava a estátua de quase três metros de altura do Marechal Yunt Kruk, com suas enormes asas recolhidas atrás de suas costas. A sua mão direita no pomo da sua famosa espada, Kimetsu, forjada pelo primeiro dos Elementais de ferro e maior ferreiro da história: Wayland. Seu rosto olhava dignamente para o mar a sua frente, como se quisesse o bem de todos. Acima dele, em um pedestal, estava Vlaar, pai de todos os deuses e criador do mundo.

Aquelas estátuas praticamente resumiam o sistema que o Exército Imperial usava para governar: o poder do exército e o controle cultural da igreja. O Exército Imperial era uma instituição extremamente poderosa, tida como invencível. A igreja existia para manter a massa alienada e calma, evitando assim uma rebelião que ameaçasse o poder do Império.

Segundo os ensinamentos da Santa Igreja, a qual todos eram obrigados a ir nos dias de descanso, os deuses criaram o mundo

e tudo nele existente para servir aos Elementais, seus verdadeiros filhos e herdeiros. Como prova disto, os tinham abençoado com força, agilidade e resistência superiores, além dos seus grandiosos poderes.

Essa não seria uma religião que atrairia muitos seguidores Comuns, já que os colocava como meros serviçais à disposição dos Elementais e, por isso, os ensinamentos da igreja afirmavam que todos os que fossem bons e cumprissem suas funções teriam um lugar no paraíso, independentemente de serem Comuns.

Não eram muitos os que tinham coragem de ir contra o sistema, a maioria preferia tomar forças na fé e nos ensinamentos da igreja, acreditando que seriam recompensados na hora da morte. Devido a isto, muitos Comuns tratavam os Elementais como verdadeiros deuses na terra.

Aaron odiava aquelas estátuas, sabia muito bem o que elas representavam. A sua vontade, todas as vezes em que passava por elas, era de destruí-las, pedacinho por pedacinho. Mas isso era um crime punível com a morte.

Já há muito o sol tinha se posto quando Aaron finalmente chegou em casa, ainda recordando as conversas com seus amigos. Seu pai, Jonas, aguardava na porta da velha casa em que viviam, com seus cabelos grisalhos e longos, seu olhar sempre tranquilo, a postura relaxada, mas sempre alerta. Apesar da idade avançada, possuía um corpo musculoso e em forma, fruto da prática diária de artes marciais durante vários anos, hábito este que impôs à Aaron. Usava sempre um velho short e uma camisa de botão desbotada cobrindo a longa cicatriz que ia do seu ombro esquerdo até as costelas do

lado direito.

Em qualquer outro dia ele estaria furioso por Aaron ter chegado atrasado e faltado do treino de artes marciais. Contudo, naquele dia, Jonas parecia tranquilo, com um olhar compreensivo.

— Como foi, você foi designado para pescador?

— Fui sim, o Diretor Shaw disse que teve que convencer os oficiais.  
— Aaron sentiu algo agridoce lhe invadir enquanto proferia aquelas palavras. Apesar da sorte que teve, lhe doía a lembrança de que aquilo tudo era uma determinação do Exército, o mesmo Exército que o estava separando de seus amigos de infância e os mantinha em uma vida miserável.

— Que bom, meu filho! – Seu pai lhe deu um forte abraço. – E os outros garotos, para onde foram designados?

— Sarah foi para as fazendas de alimentos no centro do país. Josh e Philip para as fábricas de armamentos do norte.

— Isso é bom... São bons ofícios! – Jonas parecia conformado com aquela situação de submissão para com o Exército Imperial. O garoto se recordava de ter visto soldados humilharem e maltratarem Jonas, que aceitava tudo calado e com um sorriso no rosto. Aquilo o deixava louco de raiva, não só do Exército Imperial, mas também de seu pai.

— É pai, são, mas nós queremos mais, e um dia teremos! O Exército Imperial não vai conseguir nos impedir.

— É bom sonhar, é o que nos mantêm vivos! E como você mesmo diz, quem sabe do futuro, não é mesmo? Mas, por enquanto, nós trabalhamos! E nem pense que esqueci, amanhã treinaremos dobrado,

e logo ao raiar do dia!

Aaron saiu para seu quarto contrariado, fechando a porta atrás de si e se jogando na esteira que lhe servia de cama. Os últimos raios de sol invadiam o minúsculo cômodo pela janela, deixando-o em uma penumbra que refletia o seu humor naquele momento. Ele não entendia para que tanto treinava artes marciais se o seu pai não o deixava usá-las.

Jonas acordou com o primeiro raio de sol, piorando ainda mais o seu humor. O café da manhã era o de sempre: um pão duro, feito com os grãos cultivados na própria vila, acompanhado de um caldo de peixe forte. Aaron comeu calado, sem querer discutir com seu pai. Ele sabia, lá no fundo, que Jonas não tinha culpa das injustiças cometidas pelo Exército Imperial, e o seu modo de agir era apenas uma maneira de se proteger e de proteger a Aaron, mas, naquele momento, Aaron estava direcionando todo seu mal humor e raiva para seu pai, como a maioria dos jovens de sua idade faziam. Ele estava decidido, finalmente derrotaria Jonas, na luta que faziam ao final de todos os treinos, e descontaria um pouco daquela raiva.

A única insubordinação cometida por Jonas, eram, justamente, os treinos de luta. O Exército Imperial proibia que qualquer conhecimento sobre artes marciais fosse passado de Comum para Comum, mesmo que de maneira teórica.

Jonas nunca forneceu muitas respostas às indagações de Aaron, se limitando a dizer que os treinos eram de suma importância para que o garoto desenvolvesse disciplina e autocontrole, levando-o todos os dias, ao pôr do sol, para além dos limites da vila, pela praia, onde treinavam à luz de um candeeiro.

O treino transcorreu como de costume: inúmeras repetições de diversos e complexos movimentos, até que se chegasse à perfeição. Não havia um limite de tempo, Jonas só finalizava quando se dava por satisfeito com a forma dos movimentos e golpes de Aaron, o que podia levar horas e acabar com a paciência do garoto, que, ocasionalmente, explodia de raiva. Mas isto só acabava por piorar a sua situação, pois Jonas simplesmente ignorava o humor de Aaron e continuava, até que o garoto fizesse da maneira que ele queria, só para pegar pesado na luta final do treino, como castigo.

Aaron estava focado, ávido para lutar com seu pai. Nos últimos meses, as lutas estavam ficando cada vez mais acirradas e o garoto sentia que estava perto de, finalmente, conseguir sua primeira vitória.

Jonas, como sempre, adotou uma postura defensiva, esperando que Aaron tomasse a primeira atitude. O garoto o rodeava, estudando sua posição, procurando por uma abertura, sem sucesso. Ele teria que abrir a guarda de Jonas na marra. Aaron tomou a frente, desferindo um soco rápido com a mão esquerda, mirando o rosto do seu pai, que desviou do golpe com tranquilidade.

Aaron era mais rápido e mais forte que Jonas, mas seu pai se movia com uma destreza inigualável, utilizando a força de Aaron contra ele próprio e parecendo saber o atalho para todos os movimentos, não precisando assim de tanta velocidade. O garoto continuou desferindo seus golpes em rápida sucessão, se valendo dos seus atributos físicos para encaixar movimentos complexos, mas Jonas se mantinha um passo à frente, com uma expressão tranquila em seu rosto, que aos poucos, aliado ao insucesso dos seus ataques, enchiam Aaron de frustração.

Aaron fintou um chute com a perna direita contra as costelas de Jonas, que pareceu cair no blefe, se movimentando para bloquear o golpe, deixando o lado superior esquerdo do seu corpo exposto. Rapidamente, Aaron plantou novamente sua perna direita no chão, firmando sua base para desferir um soco com sua mão esquerda, achando, que, finalmente, havia conseguido enganar seu pai, mas foi surpreendido quando Jonas continuou seu movimento, entortando seu corpo ainda mais para o lado direito, desviando do golpe, ao mesmo tempo que respondia com um potente soco contra o abdômen desprotegido de Aaron, que conseguiu absorvê-lo com um pulo para trás, reduzindo o impacto.

— Você não consegue nem me derrotar, Aaron. Um velho comum. Quem dirá o Exército Imperial... — Em todas as lutas, Jonas provocava seu filho, tentando mexer com seu psicológico. — Vamos lá, se esforce mais!

Aaron o fitou calado, sentindo sua raiva começar a borbulhar. Ele sabia qual era a intenção do seu pai, mesmo assim, parecia inevitável, Aaron sempre acabava caindo nas provocações e cometendo um erro. Ele partiu para cima novamente, com uma chuva de golpes, mas dessa vez de maneira levemente mais selvagem. Ele tentava se segurar mas seu instinto de luta tomava conta e, quanto mais se alongava o combate, mais fácil era perder o controle.

Mais uma vez, Jonas o rechaçou com um golpe, acertando o mesmo ponto que atingira anteriormente, desta vez com mais força, fazendo-o recuar enquanto tentava colocar ar para dentro de seus pulmões.

— Vamos Aaron, eu pensei que você queria se rebelar, que você queria ser bem mais do que um pescador. Estou começando a achar

que você merece isto aq... – antes que Jonas pudesse acabar de falar, Aaron surgiu na sua frente, o surpreendendo com uma velocidade que nunca havia demonstrado antes, não dando chance para que Jonas pudesse bloquear ou desviar do seu golpe, acertando-o na boca do estômago, tirando-o alguns centímetros do chão, fazendo-o se dobrar ao redor de seu punho com a força do impacto.

Jonas caiu no chão, sem conseguir respirar, mas Aaron não parou, montando sobre o corpo do seu pai enquanto já puxava seu braço para deferir um golpe contra seu rosto.

– Aaron, Aaron... – Jonas tentava chamar seu filho, mas o ar lhe faltava nos pulmões e seu apelo não era mais do que um grunhido. Por um segundo, Jonas teve certeza de que Aaron continuaria golpeando-o, mas o garoto parou, voltando a si.

Aaron olhou para seu pai surpreso, seus olhos ainda tomados pela raiva. Ele esteve a poucos segundos de ferir de maneira séria o seu pai, por provocações bobas. Na verdade, nem ele mesmo sabia o porquê de tanta raiva, ele tentava culpar o Exército Imperial e transferiu parte daquela raiva para Jonas e sua subserviência. Parte da raiva realmente vinha da situação que lhe era imposta, na verdade, a maior parcela da raiva vinha daquilo. No entanto, a pior parte, a parte que o fez perder o controle, mesmo contra seu pai, vinha de dentro dele, do seu âmago, de um lugar que nem mesmo ele conhecia direito, uma parte selvagem e poderosa que esteve adormecida por toda sua vida, mas que parecia estar enfim acordando e que avançaria por cada canto de sua personalidade sem se deter por nada.

Aaron se levantou, tomando o caminho de volta para a vila, sem falar uma palavra e sem olhar para trás, ouvindo apenas a voz de Jonas,

perdendo força à medida que avançava.

— Eu sou um grande mestre, alguns, no passado, diriam que eu fui um dos maiores da história e você me derrotou em combate Aaron. Parabéns!

Aaron não parou sua caminhada, inabalado pelo que Jonas lhe disse, e teria continuado, se o seu pai não o tivesse segurado pelo ombro.

— Ei, perder o controle de vez em quando é normal. Eu entendo a sua frustração com o momento que está vivendo, não se culpe!

Aaron parou, se virando para olhar para ele, o olhar ainda infestado de fúria:

— Você não entende. Você consegue aceitar isso tudo com um sorriso no rosto, mas ultimamente eu só consigo sentir raiva!

Jonas tinha uma expressão compreensiva no rosto de uma pessoa experiente, que assiste um jovem falar besteiras, embaladas pelo ímpeto da idade.

— acredite, eu entendo. Entendo, inclusive, muito mais do que você. No entanto, eu não deixo esta raiva me cegar para as coisas boas que tenho e tive nesta vida: meu falecido irmão, meus amigos, a sensação de uma boa pescaria, assistir o sol nascer da Pedra do Arpão e, acima de tudo, você meu filho.

A palavra “você” acertou Aaron em cheio, fazendo-o pensar o quanto estava sendo egoísta, ao direcionar a sua frustração para Jonas, fazendo-o se acalmar.

— Desculpa, pai. Você está certo... É que de vez em quando... Essa

coisa, esse sentimento, parece me dominar.

— Você é um garoto tão bom, Aaron. Você nem imagina o quanto. Curta os últimos dias com seus amigos, porque depois, sua vida vai mudar muito mais do que você imagina! — Jonas tinha um brilho misterioso em seu olhar, que segurou por alguns segundos, enquanto mirava os olhos do seu filho, até continuar. — Agora, você tem que ir para casa, preparar as coisas para o jantar de hoje, e eu tenho que ir para as docas trabalhar!

— Como assim, mudar muito mais do que eu imagino?

— Você verá! Agora vamos, que já estou bastante atrasado!

Aaron passou o resto da manhã andando pela vila, procurando pelos ingredientes que seu pai havia pedido que comprasse para o jantar. A tarde Aaron usou para organizar a casa e dar um rápido cochilo no sofá, aproveitando a brisa da praia e a temperatura agradável do final do dia.

Jonas abriu a porta com o sol já se pondo no mar, atrás de si. Na mão, ele trazia um grande peixe recém-pescado e um sorriso satisfeito no rosto:

— Acorda Aaron, que hoje você vai comer a melhor comida da sua vida! Conseguiu o que eu pedi?

Aaron bocejou, ainda com sono, antes de responder:

— Consegui sim! Como você conseguiu passar com esse peixe pelos fiscais da doca? — Ele olhou impressionado para o pai.

Todo o peixe pescado era retido pelo Império, sendo fornecida uma

ração para todos, independentemente da quantidade pescada por aquele indivíduo. Às vezes, alguns pescadores conseguiam passar com pequenos peixes, mas com um peixe daquele tamanho era impossível.

— Eu dei meu jeito, Aaron! — O bom humor de Jonas era irradiante e começou a contagiar seu filho que logo pulou do sofá para ajudá-lo.

Jonas organizou os ingredientes em pequenas cumbucas, colocando-as ao lado do fogão. Enquanto ele tratava o peixe, que Aaron identificou com um atum, Aaron tentava fazer o fogo pegar na lenha do fogão. Quando terminaram, se revezaram para tomar um limitado banho de cuia, no único banheiro da casa.

Os primeiros a chegar foram Josh e Philip que, para a surpresa de Aaron, estavam de banho tomado e trajavam roupas em um estado de preservação decente. Ambos vestiam camisas de botão feitas de um algodão grosso, com as cores já um pouco desbotadas, Philip tinha uma camisa de cor azul, que já estava mais para o magenta e Josh, tinha uma camisa vermelha, que já estava perto da cor de barro molhado, no entanto, não traziam nada além do sorriso na cara. Jonas os recebeu com um sorriso no rosto, pedindo para que entrassem e se sentassem.

— Que milagre é esse, vocês de banho tomado! — Aaron não resistiu à piada, enquanto abraçava os dois.

— Pera aí, Aaron. A gente toma banho toda quinzena! — Todos riram das palavras de Philip, e Josh completou:

— A Sarah disse que se não tomássemos pelo menos um banho, ela bateria em nós!

– Aquela garota é uma figura... Vocês têm que aprender a tomar banho mesmo senão vão morrer sozinhos! Por falar nisso, como estão as paqueras para a festa de despedida? – Jonas os sentou na pequena mesa da sala, indo até o fogão para trazer alguns amendoins torrados que havia separado.

Jonas conseguiu que o clima se iluminasse desde o início, mesmo sendo um jantar de despedida. Ele queria que os garotos se divertissem, conversassem e tivessem um último momento “família” antes que partissem.

– Eu estou fraco, Seu Jonas... Mas o Aaron tá aí na esperança né...  
– Philip olhava para Aaron com um sorriso travesso no rosto!

Aaron virou os olhos, tentando impedir que o amigo contasse para seu pai dos seus planos.

– Pera aí... Tem pra que isso não!

– Que nada Aaron, Seu Jonas parece entender das coisas, talvez ele te ajude aí com algumas dicas! – Philip e Josh se divertiam.

– Vai Aaron, deixa de besteira. Quem é a garota?

Os garotos se entreolharam, antes que Josh respondesse.

– A Sarah, Seu Jonas! Aaron tá doidinho por ela tem um tempo já, mas é só conversa pra cá, risada pra lá e nada!

Jonas olhou para Aaron com o rosto iluminado:

– A velha história da amizade que vira paixão... Só seja cuidadoso com ela, el... – Jonas foi interrompido por batidas na porta, fazendo Aaron pular da cadeira agitado!

– É ela! Por favor, calem a boca!!!

Aaron abriu a porta com um sorriso, que Sarah devolveu assim que viu seu rosto. Ela estava com um vestido branco, rendado, em um estilo bem praieiro, que chegava até seu joelho. Seu cabelo curto e preto, ainda estava molhado do banho, penteado em uma franjinha charmosa, que destacava os traços fortes e belos do seu rosto.

– Oi! Desculpa a demora, é que acabei me atrasando cozinhando esse doce de abóbora. – Ela entregou um pote de madeira ainda quente, com um cheiro delicioso.

Aaron saiu da frente, gesticulando para que ela entrasse. Jonas e os garotos olhavam para os dois tentando segurar o riso, mas fazendo um péssimo trabalho em disfarçar.

Jonas se levantou, antes que Josh e Philip caíssem na risada e foi cumprimentar Sarah:

– Olá, seja muito bem-vinda!

– Olha o que Sarah trouxe, pai!

– Opa, doce de abóbora, e tá cheiroso! Vou deixá-lo aqui pra gente comer depois. Vão se sentando aí, que eu vou começar a preparar a melhor refeição da vida de vocês! Atum que eu pesquei hoje, uma receita dos meus velhos tempos.

Sarah cumprimentou Josh e Philip animada e se virou para Jonas:

– Quer alguma ajuda, Seu Jonas?

– Não precisa, minha filha, eu sei que você é boa na cozinha, mas pode deixar essa comigo! Além do mais, a receita é secreta! – Jonas

deu risada alta, de sua própria piada, fazendo com que os garotos rissem.

— Senta aí, Sarah! – Aaron insistiu, com um tom despreocupado.

Sarah se sentou, pegando alguns amendoins e os jogando na boca:

— E aí, animados para amanhã?

— Para a festa ou para aquele outro negócio? – Philip respondeu entusiasmado.

— SHHHH! Vocês tão falando muita merda hoje! – Aaron falou baixo, apontando para o pai, que cozinhava.

— Foi mal, foi mal! Mas enfim, estou animado para os dois! Só que sempre tem um gostinho amargo no final, quando lembro que no outro dia nós vamos embora.

O clima piorou instantaneamente, quando Josh mencionou a partida, tirando concordâncias desanimadas de seus amigos.

— Tá ruim mesmo, a saudade vai ser difícil de aguentar... – Sarah diminuiu seu tom de voz para continuar. – E sinceramente, eu estava pensando hoje que talvez devêssemos apenas aproveitar a festa até o último momento e deixar essa pegadinha pra lá. É nossa última noite juntos!

Philip a respondeu com uma firmeza estranha. Como se levar a pegadinha adiante fosse um dever.

— Que nada, Sarah! Vai ser divertido demais e a gente vai perder uma hora no máximo! Vai ficar marcado entre a gente, algo que vamos lembrar a vida inteira.

Aaron estava prestes a concordar com Sarah, quando seu pai deixou o fogão para se juntar a eles, trazendo uma velha garrafa de barro na mão e cinco copos.

Jonas se sentou, pondo a garrafa na mesa e distribuindo os copos:

– E aí, do que vocês tão conversando?

– Da festa de amanhã e tentando não conversar do que vem depois!

– Aaron falou de forma convincente.

– É garotos, eu sei que é difícil. Mas foquem na festa de amanhã, se divirtam o máximo que puderem, com responsabilidade, é claro.

– Ele olhou para Josh e Philip, os mais bagunceiros da turma, de forma brincalhona e séria ao mesmo tempo. – E o que vier depois, vai vir. Se vocês não têm como mudar o que vai acontecer, não têm porque ficar se preocupando agora, sabe?

– Tem toda razão, Seu Jonas! – Philip respondeu olhando para Sarah, como se dissesse “eu não disse” ignorando, obviamente, o fato de Jonas ter mencionado a palavra responsabilidade. – E o que é isso aí?

Jonas olhou para a garrafa de barro em sua mão com um sorriso nostálgico no rosto:

– Isso aqui se chama cachaça, uma bebida típica de onde eu nasci, eu a carrego comigo faz muitos anos... – Jonas se perdeu em seus pensamentos por alguns segundos. – ... Eu sei que vocês não têm mais família, pelo menos não de sangue, e considero vocês três como filhos meus, então queria fazer o tradicional brinde de despedida com vocês, se vocês aceitarem.

Josh, Philip e Sarah pareciam pegos de surpresa pela oferta. O brinde

de despedida era uma tradição antiga e de muito significado. A maioria dos Comuns comprava uma garrafa da bebida alcoólica no dia que cada um dos seus filhos nascia e as tomavam juntos no dia que seus filhos eram mandados para longe pelo Exército Imperial. Era algo considerado sagrado, não pela Santa Igreja, mas sim pelos próprios Comuns, uma tradição que pertencia apenas a eles e que estava encrustada em sua história sofrida. Era um rito de passagem para idade adulta e um adeus.

Os garotos ficaram calados, sem saber como responder. Jonas realmente havia sido uma figura paterna para eles, cuidou deles quando estavam doentes, mandou comida para que não passassem fome. Os tinha educado e amado. Aaron podia ver lágrimas se formando nos olhos de Sarah, assim como a emoção estampada nos rostos de Josh e Philip, e ele próprio sentia o nó na garganta se formando, enquanto tentava impedir que as lágrimas viessem.

— Nós não temos como agradecer tudo que você fez por nós. — Sarah chorava, emocionada, enquanto falava. — Claro que brindaremos com você!

Josh e Philip concordaram, com um aceno de cabeça.

Jonas encheu os copos de barro até a boca e se levantou para o brinde, sendo imitado pelos outros:

— Que as suas vidas possam ser vividas de uma maneira que os complete, pois tudo que fazemos nela é em busca deste pedaço que tanto nos falta: a felicidade. Este é o grande segredo da vida, encontrar o prazer em cada dia que estamos vivos, só assim podemos ser felizes de verdade. Eu os amo!

Eles brindaram emocionados as belas palavras de Jonas e beberam a cachaça. Os jovens tossiram, pouco acostumados com o alto teor de álcool da bebida, no entanto, ao final da noite, já a tomavam sem muito estardalhaço. A noite passou devagar e rápida, o atum realmente foi a melhor comida que Aaron provou na vida e, em sua memória, qualquer pessoa que entrasse ali poderia tocar no amor que emanava naquele casebre, de tão real e denso o sentimento. Aquela noite, apesar de tudo que viria a acontecer, seria lembrada por Aaron como a última e melhor noite de sua juventude.

## II

Aaron despertou e foi em direção ao único móvel do quarto, um Guarda-roupa velho, que um dia deveria ter tido a cor azul. Ele balançou a cabeça em sinal de negação, como se ainda não acreditasse quão incrível havia sido a noite anterior. Depois que Josh e Philip apagaram no chão da casa e seu pai se recolheu para dormir, Aaron ficou conversando com Sarah até o sol raiar.

Os dois conversaram sobre tudo, com uma intimidade e de uma maneira que apenas os melhores amigos conseguem. Se abriram sobre seus sonhos e seus medos, suas dúvidas e suas certezas, até que Aaron finalmente tomou coragem para perguntá-la do porquê de nunca ter levado a sério suas investidas. Ela sempre as recusara, levando-as na brincadeira. No entanto, naquela noite, ela havia revelado que também sentia algo por Aaron, mas tinha medo de se apaixonar, já que o Exército Imperial os separaria. De uma maneira metafísica, enquanto o sol nascia sobre o mar, os dois travaram no olhar um do outro e, sem dizer uma palavra mais, se beijaram pela primeira vez.

Aaron saiu do transe com um sorriso de orelha a orelha. Abriu o armário e escolheu sua melhor camisa (a única dentre suas três camisas que não estava manchada ao ponto de parecer um pano de chão) e um short grosso, que pertenceu ao seu pai.

Enquanto se arrumava, os pensamentos de Aaron começaram a viajar em direção a festa que aconteceria, a despedida final dos seus amigos, a peça que pregariam, e Sarah. Seu coração batia forte, do

jeito que apenas o coração de um adolescente apaixonado consegue fazer. Ele sentia a ansiedade se somar, aquela noite teria que ser ainda melhor do que a noite passada. Ele sabia que era também a última noite, mas já havia elaborado um plano em sua cabeça, de como iria atrás de Sarah.

Aaron e seu pai chegaram à praça central da vila, e as pessoas já começavam a se aglomerar. Os mais velhos decoraram as ruas mais próximas à praça, assim como ela própria, com bandeiras multicoloridas e cordas velhas de navio, pintadas de várias cores, dando à vila a impressão de estar viva. As crianças mais novas corriam por entre os adultos, sem entender direito o que estava acontecendo, apenas preocupadas em se divertir.

Soldados imperiais do destacamento da vila faziam a ronda calmamente, deixando os Comuns em paz, como se respeitassem aquele momento.

Não existia uma banda para a festa, mas rodas com cantorias se formavam ao longo das ruas, dando um ar boêmio ao lugar e garantindo a agitação dos participantes. Aaron e Jonas andaram até o centro da praça, onde encontraram o Diretor Shaw, rodeado pelos pescadores mais velhos do lugar.

— Shaw! — Jonas lhe deu um forte abraço. — Muito obrigado pela força. Aaron me disse!

— Jonas! Não tem de quê! Era o certo a se fazer. — O Diretor Shaw abriu seu largo sorriso. — A festa está animada este ano!

— As pescarias estão boas, nós estamos felizes, temos que celebrar!  
— Um senhor magro e alto, que Aaron nunca tinha visto na vila,

respondeu o Diretor Shaw.

Logo a conversa tomou o rumo da pescaria e Aaron decidiu ir procurar seus amigos. Ele caminhou até a areia da praia, na frente da tão odiada estátua do Marechal Yunt Kruk, onde combinara de encontrá-los. O sol se punha por trás dos tortuosos casebres da vila, lançando sombras alongados sobre a areia branca. Seus amigos já o esperavam. Josh e Philip repetiam as roupas que haviam utilizado na noite anterior; já Sarah vestia um outro vestido, azul com flores vermelhas. As cores já não eram tão vivas quanto um dia deveriam ter sido, mas, aos olhos de Aaron, ela parecia deslumbrante.

Quando se virou para olhar para ele, seu sorriso se abriu e ela não conseguiu disfarçar o misto de alegria e timidez.

— Aaron, finalmente! Onde você estava?

Os três começaram a caminhar em sua direção, com Josh e Philip acenando efusivamente.

— Vocês sabem como meu pai é, fez questão de falar com a vila inteira no caminho. Desculpa a demora! E aí, o que vamos fazer?

— Vocês dois eu não sei, mas eu e Philip vamos encontrar as garotas do segundo ano! – Philip tinha um tom animado na voz, esfregando as mãos de antecipação.

— Vocês sabem, elas vão sentir saudades de nós! – Josh completou, rindo.

As aventuras, os roubos e o estilo extrovertido dos primos fez com que eles desenvolvessem uma certa fama com as garotas mais novas da vila, que pareciam atraídas por toda aquela rebeldia e independência.

Os dois passaram por Aaron com sorrisos nos rostos, indo em direção a praça, piscando de forma maliciosa e acenando para que Aaron aproveitasse a oportunidade para tentar alguma coisa com Sarah.

Aaron não tinha tido tempo para contar aos seus dois amigos sobre a noite passada, então eles acreditavam que não havia acontecido nada ainda entre os dois.

— Ah, e lembrem-se: se não nos encontramos na festa, nos reunimos à meia-noite aqui, para a nossa brincadeira!

Aaron parou por um segundo, olhando para Sarah sem saber o que dizer. A noite passada foi extremamente mágica e ele tinha certeza de que Sarah se sentia do mesmo jeito. Contudo, ele não poderia antecipar qual seria sua primeira reação ao vê-lo, afinal de contas, o medo dela sempre foi se apaixonar.

O desespero começou a crescer à medida que o branco em sua cabeça aumentava, até que finalmente Sarah o salvou de sua própria angústia, segurando com carinho sua mão encerrando assim qualquer dúvida:

— E nós, o que vamos fazer hoje? – Sarah sorria brincalhona, como se soubesse o que se passava na mente de Aaron.

— Eu não sei... O que você quer fazer? – Aaron estava claramente aliviado.

— Nós poderíamos ir dançar em alguma das rodas de cantoria!

— Você me ensina a dançar?

Sarah sorriu e deu um leve beijo em seus lábios, puxando-o pelo braço para que voltassem em direção da praça:

— Vamos!

Por um segundo, Aaron quase se deixou levar, relegando suas preocupações para depois, mas não conseguiu se segurar:

— Espera um pouco! O que aconteceu, o que te fez mudar de ideia assim?

Ela parou se virando para olhar para ele:

— Eu não sei... Talvez as palavras do seu pai, misturadas a bebida, tenham me convencido na noite passada... E foi algo tão bom, tão fantástico, que eu resolvi aproveitar esse nosso último dia juntos, deixar para me preocupar com o futuro quando ele chegar, sabe?

Aaron foi surpreendido pelas palavras de Sarah. Ela era tão preocupada e metódica.

— Essa não vai ser nossa última noite juntos, te prometo!

Sarah olhou no fundo dos seus olhos, com um olhar de um adulto, que ouve uma criança sonhar e quer acreditar naquela ilusão, apesar de saber o quão impossível ele é de fato:

— Eu cobrarei esta promessa, Aaron Fischer! – Ela parou e abriu um sorriso divertido. – Mas vamos dançar e deixar estas conversas para depois, senão vou começar a me arrepender da minha decisão!

Sarah o puxou com firmeza de volta para pequena multidão na praça, até que os sons da festa os tivessem envolvido por inteiro, contagiando seus passos, por entre seus conterrâneos.

Aaron tentava saborear cada momento que passava com Sarah, dançando por entre as rodas, um casal apaixonado, que só queria

saber um do outro. Até serem flagrados por Josh e Philip, enquanto se beijavam e dançavam!

Os dois primos correram para abraçá-los, gritando o nome de Aaron e Sarah, com uma felicidade genuína na voz. As garotas do segundo ano, de quem haviam falado, os acompanhavam.

Philip levantou uma garrafa de vidro cheia até a metade, na frente dos amigos:

– Acabei de roubar do Bar da Baleia! Topam?

– Tomou gosto pelo negócio, hein? – Aaron levantou o tom de voz, para ser ouvido sobre a cacofonia de sons.

Os garotos se divertiram e dançaram como nunca. Antes que conseguissem perceber, a praça começou a se esvaziar e os cantores a desafinar. O clima já não era mais tão alegre, na verdade, começava a se tornar deprimente e tenso, com várias brigas começando a estourar, só para serem duramente repreendidas pelos soldados imperiais. As garotas do segundo ano já tinham partido há uma boa meia hora, dizendo que seus pais estariam furiosos, deixando apenas os quatro.

– Chegou a hora pessoal, de entrarmos para a história da vila! – Josh passou os braços sobre Aaron e Philip.

– Pessoal, essa noite já foi tão boa, tão além do que eu imaginei. Vamos deixar esse negócio para lá! Nós ainda por cima bebemos! – Sarah estava cansada, mas seu senso de responsabilidade continuava firme.

– Meia garrafa de rum, para seis pessoas, umas três horas atrás.

Deixa de besteira Sarah! Além disso, eu e Josh não passamos a tarde inteira preparando aquelas bombas de bosta para nada. Agora nós vamos fazer essa pegadinha, nem que eu tenha que arrastar vocês à força.

Sarah não respondeu, olhando para Aaron para que ele a apoiasse, mas Aaron deu de ombros e arregalou os olhos como se perguntasse “o que eu posso fazer?”

— A gente se comprometeu, Sarah, acho sacanagem darmos para trás agora... Também não queria ir, mas...

Sarah balançou a cabeça irritada:

— Tá bom. Mas vocês ficam me devendo essa!

— Estaremos de volta antes da uma da manhã!!! – Philip partiu animado, em direção a falha na Pedra do Arpão, onde tinha escondido as bombas, seguido por seus amigos de infância.

O plano dos primos era simples, eles haviam preparado os artefatos, com restos de peixes podres e dejetos de porcos criados por um dos moradores da vila. Havia quatro bombas no total, uma para cada.

Eles iriam invadir secretamente o pequeno quartel dos soldados imperiais que garantiam a subserviência da vila. O quartel fica a cem metros da última casa do lado leste. Os primos encontraram uma pequena falha na cerca que protegia o lugar.

Essa pequena brecha dava direto para os fundos do dormitório, onde havia uma grande janela que sempre estava aberta, para que o vento circulasse e aliviasse o calor do verão, e pela qual eles arremessariam as bombas e sairiam correndo de volta pelo mesmo caminho que

havam feito. Eles só precisariam evitar o único soldado que estaria fazendo ronda naquele dia, por causa da festa na vila, e tudo daria certo.

Philip entregou as bombas, que mais pareciam bolas de ferro, a cada um deles. Aaron ficou impressionado com o peso e falou:

– O que os porcos do senhor Axe estão comendo?

– Vai ser muita bosta!!! – Josh veio e se juntou a eles com um sorriso animado.

Eles partiram, a contragosto de Sarah, que ainda tentou argumentar para que desistissem. Dispararam pelas docas escuras, a gritaria vinda da praça ainda podia ser ouvida, assim como o som de brigas e garrafas. A música tinha sumido do ar.

As ruas escuras e vazias facilitaram a vida dos garotos que chegaram a borda da vila sem serem notados. Ajudados pelo escuro, eles cruzaram os cem metros de descampado que separavam o quartel da última casa, chegando silenciosamente até o buraco na cerca sem grandes problemas.

Eles ficaram deitados, a dez metros da cerca, camuflados pela falta de luz, esperando que o soldado responsável pela ronda passasse e se distanciasse, para começarem a agir.

Cerca de cinco minutos depois que o soldado havia passado, Philip tomou a frente, forçando o buraco da cerca para que os garotos entrassem, ficando por último. Quando já estavam todos dentro, eles se entreolharam com um sorriso nervoso no rosto, de quem está prestes a fazer besteira. Aaron podia ouvir o cricrilar dos insetos sob a noite, e o silêncio massacrante o fazia temer que as batidas do seu

coração, impulsionadas pela tensão, fossem acordar os soldados.

Silenciosamente, eles andaram até a janela de um galpão retangular simples, feito de madeira e pintado de azul escuro. A tinta, assim como tudo no pequeno quartel, parecia impecavelmente bem mantida. Tudo estava em perfeita ordem e estado de conservação, as pequenas ruas de paralelepípedo que ligavam as construções estavam varridas e limpas, dando a impressão de que ninguém nunca havia sequer pisado nelas. Os pequenos postes com lamparinas luziam, mesmo sob a fraca luz, que as chamas proporcionavam. Existia uma certa beleza na simplicidade e organização do lugar austero.

Com a ajuda da luz dos postes, Aaron conseguia ver a silhueta de corpos deitados em beliches, dormindo tranquilamente, embalados pela brisa refrescante que soprava pela janela do galpão. Philip, que havia se tornado o líder da “operação” estendeu o braço para que todos parassem, tirando a bomba do seu bolso e apontando para ela. Os garotos voltaram a sorrir, cada um pegando a sua. Por um segundo, Aaron chegou a pensar o quão estranho era o fato de um lugar como aquele ter um buraco em sua cerca, mas antes que pudesse externar seu pensamento, Philip começou uma contagem regressiva com seus dedos, não dando tempo para que a desconfiança de Aaron ganhasse corpo.

Na contagem de três, os garotos puxaram os pinos de combustão instantânea e arremessaram as bombas. Disparando de volta para o buraco na cerca antes mesmo que estas atingissem o chão do dormitório.

Aaron não olhou para trás para ver o resultado. Seu coração batia descompensando com a adrenalina que seu corpo produzia, e seus

pensamentos eram um turbilhão. No entanto, ele estava feliz, uma felicidade proporcionada pela rebeldia, por estar com seus amigos, pela noite perfeita que haviam tido, uma felicidade que o surpreendeu. Ele olhou para os lados e viu seus amigos com sorrisos iguais ao seu, inclusive Sarah. Quando a quarta bomba explodiu, Aaron já estava do lado de fora da cerca, correndo com os outros três pelo descampado!

Os garotos gritavam em êxtase, o plano deu certo, mais algumas dezenas de metros e estariam de volta a segurança da Vila do Arpão, onde poderiam se utilizar das ruelas estreitas para despistar qualquer perseguidor! Aquela pegadinha seria lembrada para sempre, e correria o Império inteiro. Eles não se importavam de ter seus nomes creditados, até porque isso seria morte certa. A humilhação que o Exército Imperial sofreria e, principalmente, toda aquela euforia, já eram suficientes para as suas mentes jovens e insurgentes.

Aaron chegou a pressentir, antes que acontecesse, mas não pôde fazer nada para impedir. A lança veio a uma velocidade que ele não achava possível, cruzando a noite escura até trespassar Sarah bem no meio das costas, lançando-a à frente e fazendo com que caísse rolando no chão.

Os três pararam sua corrida desenfreada em choque, voltando para tentar socorrer sua amiga. Aaron a pegou nos braços, tirando o cabelo do seu rosto sujo pela queda. Ele conseguia ver a ponta da lança ensanguentada, atravessando o pequeno corpo da sua amiga que cuspiam sangue e o olhava assustada, como se não entendesse o que estava acontecendo.

— Tenta respirar... Nós vamos te tirar dessa! – Aaron não conseguia esconder o desespero da sua voz, apesar de estar tentando acalmá-la.

– Vã...vão, me deixem... – A voz de Sarah era fraca e assustada e já se podia ouvir o sangue invadindo suas vias respiratórias.

Uma nova lança se fincou no chão, ao lado de Josh, que pulou assustado! Eles podiam ouvir alguns soldados correndo em sua direção o que fez Josh e Philip se levantarem, tentando puxar Aaron!

– Temos que ir! Ela não vai sobreviver a esse ferimento! – Josh tinha urgência na voz, mas uma frieza inacreditável com relação a Sarah, o que despertou uma fúria em Aaron.

– Vão, fujam, mas eu não deixarei Sarah para morrer nas mãos do Exército Imperial!!! – Aaron se levantou, uma ira que nunca havia sentido queimava em seu peito, cegando-o. Ele puxou a lança que estava fincada no chão ao lado deles, se posicionando para enfrentar os soldados, protegendo o corpo moribundo de Sarah.

– Você é maluco! Nós não temos como enfrentá-los, temos que fugir! – Josh e Philip tentavam puxar Aaron para continuarem a fuga, mas o rapaz os golpeou com força contra o peito!

– Vão, se vocês não têm coragem para ficar, vão, seus frouxos! Mas eu não a abandonarei! – Aaron olhava para seus dois amigos de infância com um ódio que assustava. – Isso foi ideia de vocês, mas vão embora, seus filhos da puta!

Josh e Philip olhavam espantados para Aaron, que irradiava uma aura assassina!

– Desculpa, Aaron! – Philip puxou Josh pelo braço e os dois desapareceram por entre os casebres.

A raiva continuava a crescer em seu peito, a traição de Josh e

Philip, a morte iminente de Sarah, uma vida de repressão e abusos borbulharam até explodir em um grito do fundo da sua alma! Uma energia estranha, que nunca tinha sentido, começa a emanar em seu interior, esmagando seus braços de dentro para fora, em uma sensação que deveria ser de dor, mas que o fazia pensar ser invencível. Todas as células do seu corpo explodiam de energia e quando parou de gritar, seus braços e mãos estavam envoltos em uma armadura feita de um mineral negro e reluzente, mas que davam a estranha impressão de fazer parte de sua pele, a encobrendo de maneira orgânica. Seus dedos se transformaram em garras, seu corpo havia ganhado quilos de músculo, mas, mesmo assim, ele se sentia mais leve e ágil do que nunca. Ele via os soldados se aproximando quase que em câmera lenta e antes que se desse conta, seus instintos e sua sede de vingança dominaram seu novo corpo, arrastando-o em um frenesi de fúria.

Aaron jogou a lança para cima a pegando de novo no ar, já em posição de arremesso, enquanto avançava rapidamente em direção aos quatro soldados imperiais que conseguia avistar. Ele arremessou a arma com toda sua força, atravessando o peito descoberto do soldado mais próximo, arremessando-o para trás com o estrondoso impacto.

Os outros pararam seus avanços por um segundo, confusos com o que acabara de acontecer. Aaron aproveitou esse segundo de distração para cobrir a distância entre ele e o outro soldado mais próximo. Utilizando sua velocidade aprimorada, ele acertou um chute de cima para baixo, com a sola do pé, contra a lateral externa do joelho esquerdo do oponente, rompendo todos os ligamentos e fazendo a perna dobrar em um ângulo impossível. O soldado caiu com um grito agonizante. Sem titubear e, aproveitando o impulso do

seu golpe, Aaron girou sua perna esquerda em um poderoso chute contra a traqueia desprotegida do seu inimigo, esmagando-a.

Ele se vira rapidamente, desviando da estocada do soldado que o havia flanqueado pela direita, segurando o longo cabo da lança, que passara a alguns centímetros do lado esquerdo do seu rosto, antes que seu inimigo a puxasse de volta para si. Em um movimento rápido ele usa sua mão direita, envolta na armadura negra, para quebrar a arma, continuando em um movimento circular, com a ponta de metal em sua mão esquerda, ficando-a no olho do seu inimigo e a afundando ainda mais no seu crânio, com um golpe da palma da mão direita.

O soldado caiu aos seus pés, o olhar aterrorizado ainda gravado em seu rosto, mas a luta ainda não havia acabado, o último soldado o encarava. O seu inimigo engoliu em seco, enfurecido. Seu corpo começou a se transformar, ganhando músculos e crescendo pelos negros e grossos como os de um animal:

— Maldito, eu irei ma... – Antes que ele pudesse acabar de falar, ou de se transformar, Aaron surgiu na sua frente, utilizando sua mão direita, com os dedos esticados e envoltos pelo duro mineral negro, para atravessar o seu tórax, criando um buraco no meio do seu peito musculoso.

Aaron estava dominado pela raiva, a sua vontade era entrar no quartel e matar a todos e, por um segundo, em sua mente, ele o fez, sendo levado para um caminho que havia evitado durante toda sua vida. A única coisa que o fez parar, foi a voz Sarah, quase inaudível:

— Aar...Aaron...!

Aaron não tinha tempo para processar o poder que ele acabava de descobrir, ou a traição dos seus amigos de infância, muito menos para continuar sua vingança, tudo aquilo podia esperar, pois Sarah não tinha muito tempo de vida.

Ele a tomou em seus braços, quebrando o cabo da arma que perfurou seu abdômen, a retirando cuidadosamente. Sarah soltou fracos suspiros de dor, mas aguentou firme. Aaron tirou sua camisa, entregando-a a ela:

– Pressiona o ferimento! – Suas mãos tremiam de desespero.

– Você... você é um Elemental... – Sarah falou aquilo com um leve sorriso manchado de sangue, como se aquele fato fizesse tudo aquilo valer a pena, como se solucionasse todos os problemas.

Aaron sorriu de volta, enquanto grossas lágrimas desciam pelo seu rosto e seu coração despencava em um abismo. Com uma voz entrecortada pelo choro, ele respondeu:

– Eu sou... Parece que eu sou... Mas nada disso importa, só fica acordada Sarah, eu vou conseguir ajuda! – O choro vinha em prantos...

– Não morre, por favor!

O breve momento de força se foi, e Aaron podia ver a consciência de Sarah se esvaír. Ele a colocou nas costas e saiu em disparada em direção a vila. Só tinha uma pessoa que podia ajudá-lo naquele momento.